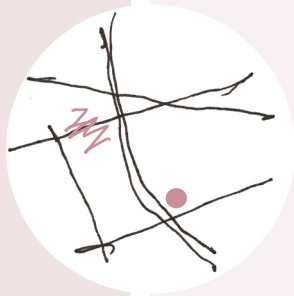


# Passagens Vividas

para a continuidade Pedonal  
de São Marcos a Massamá

VOLUME II



Maria Inês Simões Naré (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura, Especialização em Urbanismo

Orientação Científica:

Professor Doutor João Rafael Marques Santos

Professor Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

Jurís:

Presidente: Professor Doutor Sérgio dos Santos Barreiros Proença

Vogal: Professora Doutora Alessia Allegri

Orientador: Professor Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite



## *Uma experiência entre margens*

*uma visão experiencial ao  
longo da passagem*



## VOLUME I

### 1 INTRODUÇÃO

### 2 PENSAR A PASSAGEM

#### 2.1 DO OBSTÁCULO À PASSAGEM

#### 2.2 PASSAGENS COMO UMA ESTRUTURA CONTÍNUA

#### 2.3 PASSAGENS COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DE NOVOS USOS

### 3 ENQUADRAR A PASSAGEM

#### 3.1 LINHAS E OBSTÁCULOS

#### 3.2 TECIDOS E CONTINUIDADES URBANAS

#### 3.3 NÓS E USOS

### 4 DESENHAR A PASSAGEM

#### 4.1 ESTRUTURA CONTÍNUA

#### 4.2 OS NOVOS USOS

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

## VOLUME II

A Passagem: *Uma experiência entre margens*



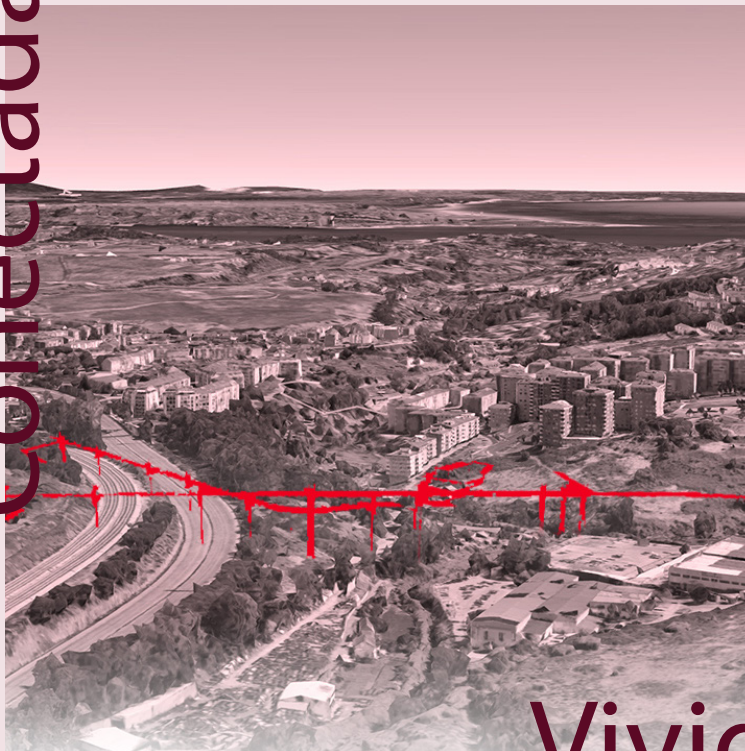
## A PASSAGEM

### *Uma experiência entre margens*

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| 2Play (1)                       | 10 |
| Car space (2)                   | 13 |
| Mais que um ponto de espera (3) | 13 |
| Two different Skins (4)         | 14 |
| All connected (5)               | 17 |
| A rede (6)                      | 17 |
| Mercado de São Marcos (7)       | 18 |
| Focus (8)                       | 22 |
| Lighting Stone (9)              | 22 |
| As lâminas (10)                 | 25 |
| Imaginary Park (11)             | 25 |
| Climbing Stone (12)             | 25 |
| +More (13)                      | 26 |

# A Passagem

Conectada



Vivida

## Nota Prévia

*Uma experiência entre margens* procura despertar as sensações que este projeto pretende causar sobre o território, nas pessoas que habitam e circulam nele.

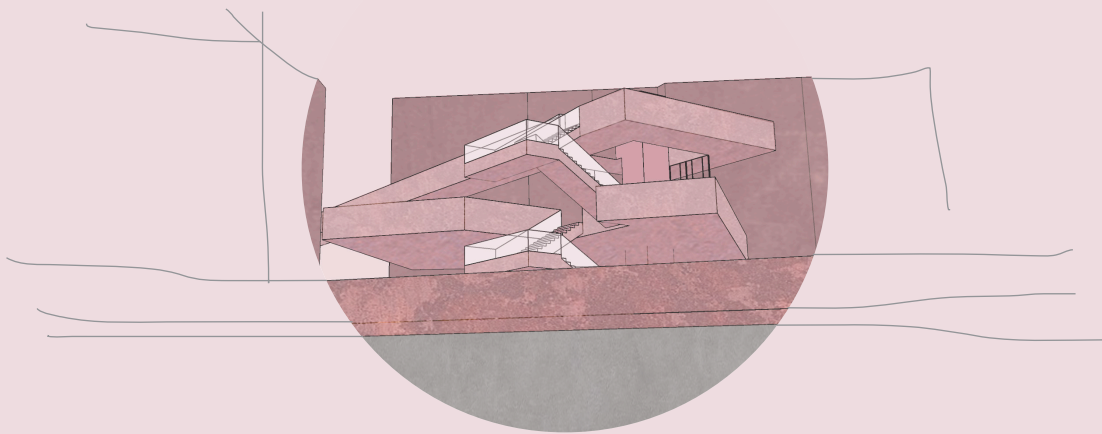
Assim, a forma como será explicado baseia-se num percurso ideal onde se tenta explicitar o processo de procura e descoberta através do ato de projetar, na relação com as necessidades encontradas no território.

Serão sinalizados, ao longo da história, os números que identificam os diferentes espaços de intervenção projetual.

Num percurso anterior, em viagem de carro até Sintra, ao passar na IC19, fomos surpreendidos por uma estrutura que nos envolvia e nos chamava à atenção pela sua cor avermelhada e a sua textura suave do betão pigmentado. Da janela, apreciava-se um nó de passagens que se entrelaçavam e onde as crianças brincavam (1).

Decidimos fazer um desvio, tamanha foi a curiosidade de perceber que estrutura seria aquela. Estacionamos junto à estação ferroviária Massamá-Barcarena e caminhamos em direção à Avenida 25 de Abril onde, ao olhar para trás e na direção da linha de comboio, do lado direito se erguia uma estrutura que se envolvia com os edifícios numa miragem onde não era possível encontrar o seu fim.

Levados pela agitação da vida quotidiana da Avenida 25 de Abril fomos encaminhados pela presença avermelhada que acompanhava os intervalos entre os vazios dos edifícios. No fim desta avenida, a nossa atenção foi desviada para a Escola Básica EB1 N°2 de Massamá, onde anunciados pelo toque de saída, as crianças acompanhadas pelos pais, atravessavam a passadeira e dispersavam-se nos seus percursos diários.





Sem nos apercebemos, fomos levados por este entusiasmo, pisando outro tipo de pavimento que nos acelerava o passo e nos fazia fluir nesta correria que nos ligava ao outro lado das infra-estruturas viárias (2).

Ao longe, estas passagens transformavam-se em objetos que pincelavam a paisagem, onde a cada passo que dávamos, existia uma nova paisagem onde o tom avermelhado se misturava com o cinzento da cidade e o verde das copas das árvores.

Chegámos a um ponto de encruzilhada, onde uma das passagens desaparecia no meio de dois edifícios e uma linha contínua nos unia à outra margem. Decidimos continuar em frente, passando sobre a linha de comboio e pela IC 19, decidimos parar e observar este sistema de circulação ativo onde a contínua mudança de ambientes visuais era evidente.

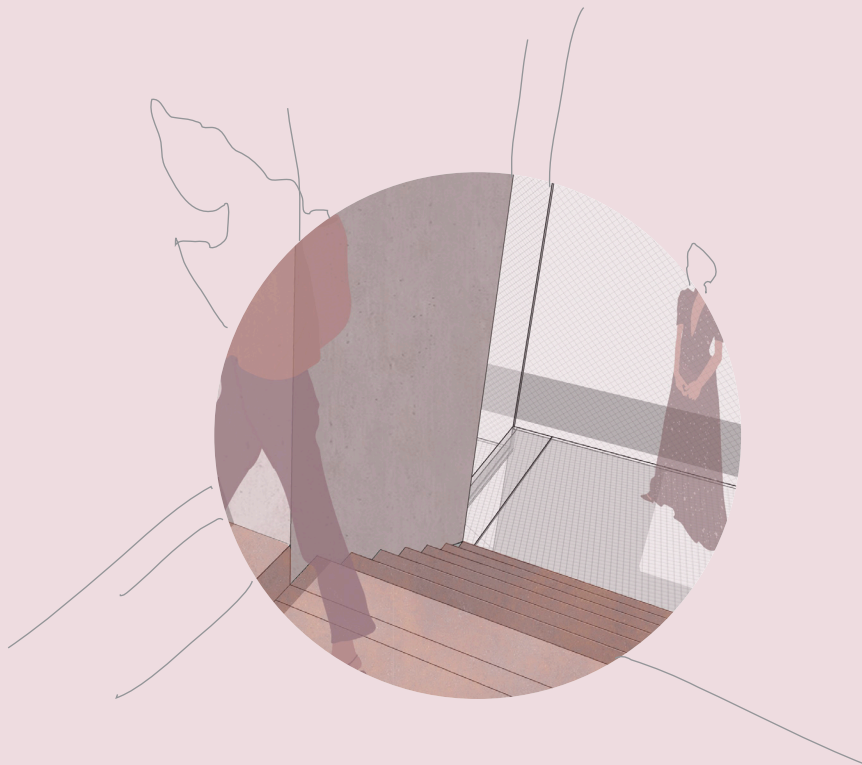
Na direção de São Marcos, na outra margem, apercebemo-nos de um percurso que descia em direção à IC 19 que parecia ser uma paragem de autocarros (3). As copas das árvores cobriam parte desta estrutura, absorvendo todos aqueles que lá circulavam. Na curiosidade de sentir esta sensação resolvemos experienciar este percurso. Caminhámos nessa direção sobre uma rede transparente onde o sentimento de tranquilidade se transpunha a qualquer outra emoção. Absorvidos pela folhagem das árvores e fora da agitação da vida citadina, decidimos voltar ao nosso percurso entusiasmados com a experiência de tudo aquilo que a passagem tinha mais para nos oferecer.

Na parte inferior desta estrutura parecia existir uma ribeira onde as crianças brincavam e os pais descansavam sobre uma rede que pousava na vegetação. Ao ver todo este cenário deu-nos vontade de descer e apreciar também aquele momento. Mas como? Questionámo-nos enquanto observávamos uma plataforma que parecia agarrar-se a esta passagem e que trazia consigo uma escada naquela mesma rede e foi de tal forma convidativa que o elevador perdeu a total importância ao lado desta experiência. (4) Decidimos entrar e descemos para um universo que nos preenchia e nos libertava da mesma forma sobre a paisagem. Neste espaço conseguíamos apreciá-la a 360 graus alimentando-nos da melodia das folhagens das árvores que cobriam a ribeira e serpenteavam os edifícios tornando-os parte deste ritmo.

Ao chegar a uma segunda plataforma que nos dividia da margem da ribeira, um novo percurso ligava-se diretamente à estação mas a nossa curiosidade em chegar à ribeira manteve-se.

Descemos. A frescura da água misturava-se com os risos das crianças que brincavam nas suas margens com as flores que colheram neste mesmo espaço enquanto um casal idoso apreciava este ambiente e conversava sobre o Mercado de São Marcos. Decidimos subir novamente e regressar ao nosso ponto de partida para procurar este mercado.

A imagem desta ponte começava a desconstruir-se surgindo mais passagens que se ligavam umas às outras e onde um edifício se agarrava a esta estrutura onde podíamos ler Imaginary Park (11). Na ponte, esculpido na guarda, uma placa indicava o caminho do mercado que tanto procurávamos, numa uma estrutura que como anteriormente já tínhamos avistado, se amarrava a esta passagem e nos ligava a uma outra.





Descemos por umas escadas que nos abraçavam, num ambiente onde agora já não pisávamos uma estrutura de rede, mas conseguíamos ver a partir dela. Chegámos a uma segunda passagem que nos devolveu toda a imagem daquilo que já tínhamos vivido de Massamá até este ponto (5).

Caminhámos desta forma, deixando para trás Massamá na procura do Mercado. À nossa frente, uma varanda erguia-se numa estrutura permeável em rede onde parámos. Apercebemo-nos da grandiosidade de um edifício redondo que flutuava na paisagem, um objeto que parecia alimentar-se desta estrutura para crescer e tornar-se visível em todos os pontos de vista.

Virámos à direita e finalmente avistámos o Mercado de São Marcos. Entretemo-nos a tentar compreender a forma como este edifício se encaixava no terreno, onde uma estrutura metálica parecia ser o suporte, um esqueleto, deste edifício. À medida que as pessoas entravam na estrutura, eram envolvidas por rampas que, em espiral, se desmultiplicavam em patamares onde o ambiente ia mudando de piso para piso.

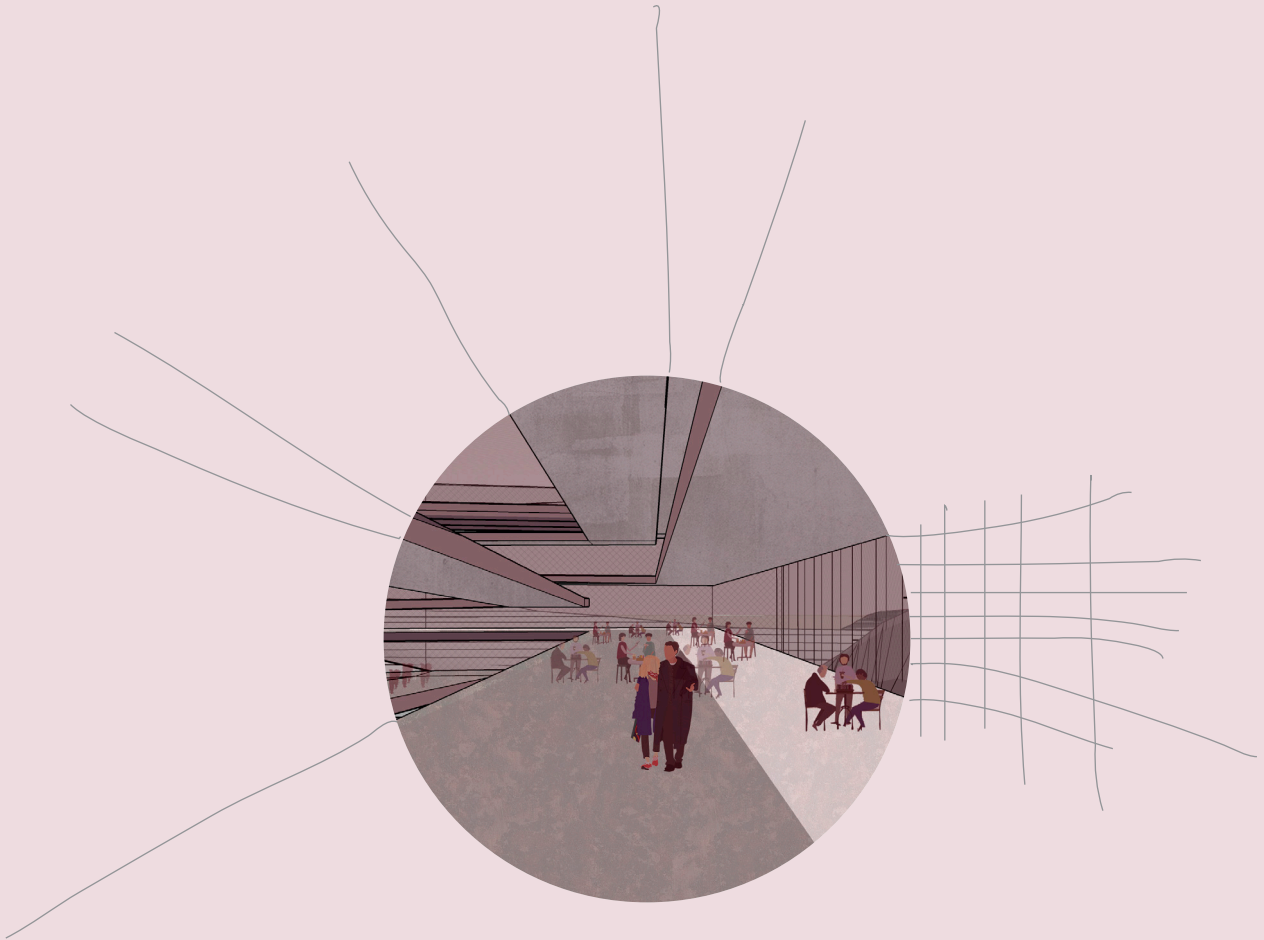
À medida que nos aproximávamos deparávamo-nos com um outro ambiente que se associava a um acesso ao nível térreo (6). Viam-se pessoas sentadas, onde os degraus se transformavam em bancos e onde muitos lançavam o que adquiriram no mercado, enquanto se admiravam com a imponência de um edifício cilíndrico que os fascinava e que nos entusiasmava a nos dirigirmos a ele mais tarde.

Continuámos e chegámos finalmente à entrada do mercado (7), tocámos nesta estrutura, onde abrimos uma porta em rede metálica que nos permitiu entrar. No interior, a atmosfera vivida era diferente, os cheiros misturavam-se e as pessoas fluíam num caminho que as movia até que o toque inexistente entre a passagem e o objeto de betão fez-nos aceder por uma pequena transição.

Parámos e observamos por alguns minutos a calma que se vivia fora desta pele e que nos incorporava neste mundo. Um conjunto de rampas contínuas construía este objeto onde uma zona vegetal, no fundo deste plano, transbordava de cor e textura das plantas que misturavam diferentes cores e que nos envolviam num ambiente cheio de luz.

A curiosidade aumentava cada vez mais e fomos levados neste percurso que, por momentos, nos fazia esquecer que este objeto era um edifício, mas sim uma estrutura que nos envolvia e nos encaminhava. O percurso surpreendia-nos em cada patamar, as pessoas misturavam-se num mesmo espaço onde fomos descobrindo diferentes ambientes.





Chegámos a um patamar onde encontrámos pessoas sentadas a conversar e onde as gargalhadas se misturavam com o som dos talheres que elegantes funcionarios distribuíam pelas mesas. Passaram por nós circulando numa correria, saídos de um dos cantos onde o aroma dos pratos confeccionados fazia-nos deambular o olhar por toda esta agitação de um restaurante que começava a receber pessoas que iam chegando para a hora de jantar, depois do regresso das suas rotinas diárias, por uma entrada que se escondia deste percurso induzindo-nos a não sair dele e a continuar para o próximo piso.

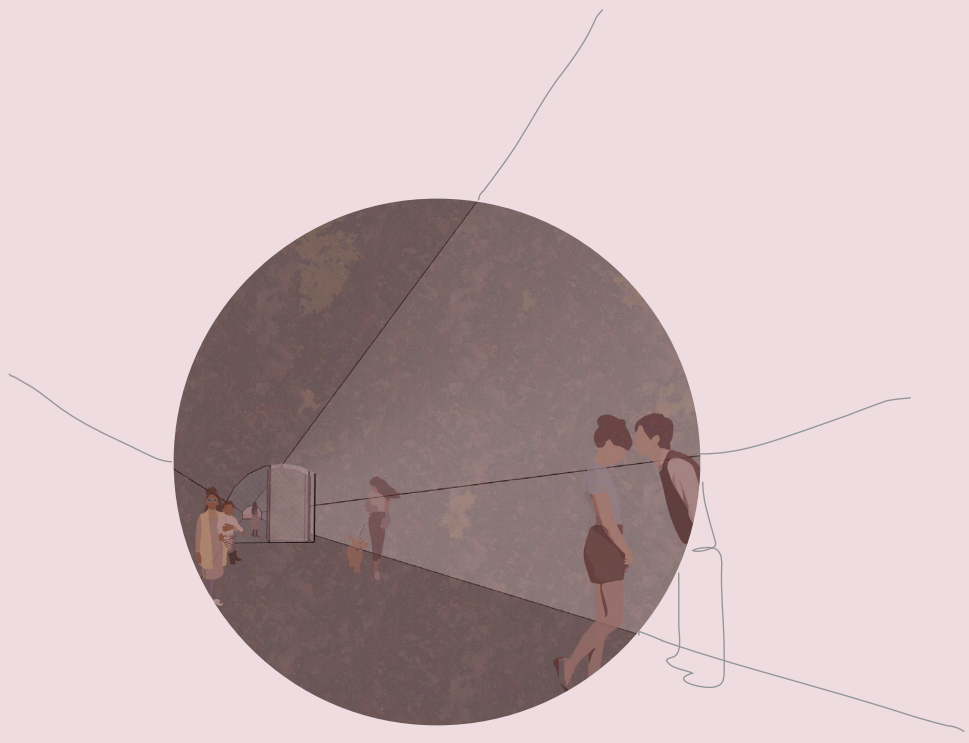
Descemos mais um patamar e o cheirinho a petiscos chamava por nós para nos sentarmos e apreciámos este espaço, onde o ambiente acolhedor se diferenciava da sofisticação do restaurante. Sentados ou em pé deambulavamos numa experiência gastronómica dos vários aperitivos que nos tinham para oferecer. Foi quando nos suscitou uma vontade em tocar nas paredes, a sua estrutura treliçada permitia contactar com o verde que nos envolvia fora desta volumetria e que nos alimentava uma curiosidade em querer ver mais.

Continuávamos à medida que descíamos, o movimento agitado do mercado biológico das hortas de São Marcos aumentava, o cheiro das especiarias e das ervas aromáticas que nos enquadravam neste percurso enriquecia o nosso olfato e a nossa perspetiva frontal, onde as hortas eram agora o nosso plano de fundo, por baixo desta grande estrutura onde circulámos (8).

Apesar de imponente, esta estrutura parecia pousar neste espaço. Os pilares enquadravam imagens da paisagem criando uma tela onde este traço vermelho ondulava. Olhámos em frente e as hortas traziam uma dinâmica surpreendente a este espaço e a ajuda entre quem sabe e quem aprende era evidente. As cores dos morangos a crescerem entre o verde das folhas misturavam-se com os pilares da ponte onde as crianças brincavam à apanhada rodopiando pelos pilares e saltando entre as hortaliças que cresciam. Percorríamos este espaço a ver as pessoas a chegar como por magia do interior do vale.

Era um túnel (9) que nos ligava ao outro lado. Seria seguro entrar? Questionámo-nos enquanto víamos um feixe de luz que preenchia toda a passagem e ao mesmo tempo, famílias percorriam este espaço com uma enorme tranquilidade.





Resolvemos entrar. Era escuro mas confortável, a luz escondia-se atrás da parede e fazia evidenciar a sua textura, o toque era inevitável e fazia-nos esquecer que estávamos num túnel. A projeção de um *video mapping* que nos introduzia ao mundo misterioso de Sintra acompanhou-nos e rapidamente chegamos ao outro lado.

Deparámo-nos com umas lâminas (10) que se estendiam ao longo de um terreno íngreme e onde um senhor chegava no seu carro e entrava entre duas destas lâminas para estacionar e regressar a casa, após um longo dia de trabalho.

Um grupo de estudantes chegava de uma passagem onde anteriormente estivéramos e subiam de lâmina para lâmina até um local onde pousavam as suas mochilas e conversavam aproveitando o final daquela tarde. A imagem dos carros estacionados desapareceu enquanto toda esta animação se sobrepôs ao estacionamento, fazendo nascer um espaço público onde circulámos sem nenhum obstáculo. Chegámos a um largo onde um novo objeto se assumia como um espaço de estudo onde jovens estavam sentados a estudar.

Continuámos, deixando para trás este espaço e subimos em direção ao Imaginary Park (11). Percorremos uma rua entre dois edifícios, onde umas escadas nos levavam até um espaço verde onde a natureza tomava conta desta área. As árvores erguiam-se sobre nós e fornavam um caminho que nos permitia aproximar do edifício desportivo onde as crianças jogavam futebol e um casal desfrutava do final de tarde encostados a uma árvore. A agitação e o som de todos estes ambientes faziam-se acompanhar de uma família que numa passagem, a um nível superior onde estávamos, entrava no edifício, já atrasados para as suas atividades físicas. Caminhámos e entrámos num outro túnel que servia de brincadeira para muitas crianças pelas suas paredes terem algumas irregularidades formadas pela própria pedra, que permitiam que fossem trepadas entre os pontos altos e baixos do terreno (12).

Chegámos novamente ao vale, mas desta vez do lado contrário ao mercado. O sol começou a desaparecer dando lugar a um pôr do sol alaranjado, que enaltecia a cor avermelhada das passagens.

Ao olharmos para o nosso lado esquerdo apercebemo-nos novamente daquele objeto cilíndrico onde agora se conseguia ler o seu nome, *+More (13)*, e onde, no seu topo, se conseguia ver pessoas que observavam toda a imensidão que as rodeava. Curioso que alguns destes espaços utiliza o estrangeirismo nos seus nomes, comentámos. Demonstrava alguma sensibilidade em relação à articulação de todos aqueles núcleos da promoção destes espaços internacionalmente.

Deixou-nos curiosos e fomos encaminhados na tentativa de encontrar o percurso que nos levasse ao encontro do topo deste edifício.

Ao aproximarmo-nos, fomos consumidos pela grandiosidade deste edifício que se impunha com a sua materialidade robusta do betão onde uma faixa subtil vermelha nos convidava a entrar. Um pátio enquadra-nos com as folhagens de uma grande árvore que marca o seu centro.

Ao entrar, somos recebidos por um percurso que se enrolava entre as suas paredes, onde nascem núcleos de experiências culinárias e bares de cocktail enquanto subíamos até ao topo.

Está a anoitecer e alguns grupos de pessoas passam por nós vindos do trabalho, subindo e desaparecendo do nosso ângulo de visão. Continuámos devagar, apreciando a paisagem à nossa volta, sempre a mudar à medida que subimos, até que finalmente chegamos ao topo.

Neste lugar foi possível ver tudo o que já tínhamos percorrido e recordar o dia que tivemos, o Mercado, o Imaginary Park, o espaço de estudo que se esconde entre os edifícios, ao longe o comboio que passou naquele momento e as luzes dos carros na IC19, que criavam um ambiente mágico, onde as passagens ganhavam uma nova vida com o cair da noite, tudo em grande harmonia e profundamente integrada na paisagem existente.



*.... no topo do edifício, cansados, sentámo-nos  
numa esplanada a apreciar toda a imensidão que  
nos envolvia .... a ver a noite cair!*

